

RUA CAPISTRANO DE ABREU

Lei nº 1281 de 21-03-1955

Formada pelas ruas 7 e 14 do Novo Jardim São José -
Prolongamento

Início na rua Christovan Bonini

Término na rua Baurú

Jardim São José

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas Antonio Mendonça de Barros.

CAPISTRANO DE ABREU

João Capistrano de Abreu nasceu no Sítio Culuminjuba, nas proximidades de Maranguape, no Ceará, em 23-outubro-1853 e faleceu no Rio de Janeiro, em 13-agosto-1927. Estudou as primeiras letras na província natal, por esforço próprio e sem outro incentivo que não fosse a sua própria curiosidade. Aos 16 anos viajou para Recife, onde, nas bibliotecas públicas, arquivos e museus, estudou os clássicos portugueses e brasileiros. Aos 20 anos, em Fortaleza, publicou seus primeiros trabalhos de crítica. Lecionou no colégio Aquino e obteve, por concurso, o cargo de Oficial da Biblioteca Nacional. Em 1880, concorreu à cadeira de História do Brasil, no Imperial Colégio "D. Pedro II", conseguindo o primeiro lugar. Ocupou esta cadeira até 1900, quando passou à disponibilidade, por haver sido extinta a cadeira. Colaborou para o "Maranguapense", para a "Constituição" e para o "Fraternidade", todos órgãos da imprensa do Ceará. No Rio, continuou colaborando nos jornais "O Globo", "Gazeta de Notícias", "A Semana", "A Revista Brasileira" e no "Jornal do Comércio". Deixou as seguintes obras: "Capítulos da História Colonial", "Caminhos Antigos e Povoadamentos do Brasil", "Os Primeiros Descobrimientos de Minas", "Ensaio e Estudos", "O Descobrimiento do Brasil pelos Portugueses", "Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil pelo Licenciado Heitor Furtado de Mendonça", etc.



LEI N.º 1281, DE 21 DE MARÇO DE 1955
Dá o nome de "Capistrano de Abreu" a uma via pública desta cidade

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1º — Fica denominada "CAPISTRANO DE ABREU" a rua 7 do Jardim Proença (continuação), que tem início na Rua Cristovam Bonini e termina junto a uma gleba não loteada.

Artigo 2º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 21 de março de 1955.

(a.) — *A. MENDONÇA DE BARROS*, Prefeito Municipal.

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 21 de março de 1955.

O Diretor (a.) — *Admar Maia*.



CAPISTRANO DE ABREU — rua

(JOÃO CAPISTRANO DE ABREU)

Começa na rua Cristovam Bonini, no JARDIM PROENÇA. A denominação foi dada pela Lei n.º 1281, de 21 de março de 1955.

DADOS BIOGRÁFICOS:

O historiador e jornalista João Capistrano de Abreu nasceu no Sítio Culuminjuba, nas proximidades de Maranguape, no Ceará, aos 23 de Outubro de 1853 e faleceu no Rio de Janeiro aos 13 de agosto de 1927.

Estudou as primeiras letras na província natal, por esforço próprio e sem outro incentivo que não fôsse a sua própria curiosidade mental. Aos 16 anos viajou para Recife, onde, nas bibliotecas públicas, arquivos e museus, estudou os clássicos portugueses e brasileiros. Aos 20 anos, em Fortaleza, publicou seus primeiros trabalhos de crítica. Lecionou no Colégio Aquino e obteve, por concurso, o cargo de Oficial da Biblioteca Nacional. Em 1880 concorreu à cadeira de História do Brasil no Imperial Colégio D. Pedro II, conseguindo o primeiro lugar. Ocupou esta cadeira até 1900, quando passou à disponibilidade por haver sido extinta a cadeira. Colaborou para o "Maranguapense" para a "Constituição" e para o "Fraternidade", todos órgãos da imprensa do Ceará. No Rio, continuou colaborando nos jornais "O Globo", "Gazeta de Notícias", "A Semana", "A Revista Brasileira" e no "Jornal do Comércio". Deixou as seguintes obras: "Capítulos da História Colonial", "Caminhos antigos e povoamento do Brasil", "Os primeiros descobrimentos de Minas", "Ensaio e Estudos", "O Descobrimto do Brasil pelos portugueses", "Primeira visitaçào do Santo Officio ás Partes do Brasil pelo Licenciado Heitor Furtado de Mendonça", etc.

ALAGR MALTA GUIMARAES



CAPISTRANO EM PROSA E VERSO

BRASIL BANDECCHI

Capistrano de Abreu, o sólido autor dos "Capítulos de Historia Colonial", que não precisou escrever inúmeros livros para deixar obra realmente grande, tem sido retratado em prosa e verso. Era espírito de muitas luzes e nenhuma vaidade. Suas fotografias e caricaturas mostram o homem simples e desprezado das coisas materiais.

Certa vez foi procurado por Machado de Assis, Nabuco e Lucio de Mendonça, que davam os primeiros passos para fundar a Academia Brasileira de Letras: Capistrano não podia ser esquecido e, por essa razão, deveria figurar entre os futuros imortais. Capistrano, indiferentemente, sem se aperceber da delicadeza do gesto, respondeu:

— Já me basta, e não por meu gosto, fazer parte de outra aborrecida sociedade, o gênero humano.

O que bem retrata o seu gênio irascível, porém, é um impresso que distribuiu, quando alguns amigos, desejando, em 1923, homenageá-lo, pela passagem do seu aniversário, pensaram em publicar um trabalho a seu respeito, a ser escrito por diversos literatos. Eis o impresso: "Segundo sou informado, trama-se para o meu próximo aniversário uma patuléia, polian-téia ou coisa pior e mais ridícula, se for possível. Aos meus amigos previno que considero a trama como profundamente inamistosa. Não poderei manter relações com quem assim tenta desmoralizar-me. Custe o que custar."

Em carta escrita a João Lucio de Azevedo, Capistrano revela o que pensa de Joaquim Nabuco: "Minhas relações com ele foram poucas. Alguns dias depois do 15 de Novembro, pegou-me na rua e, todo vibrante de indignação, expôs-me, durante uma

hora, que não podia ser republicano. O livro explica bem o seu monarquismo — Capistrano referia-se à "Minha Formação" — graças a São Bergehot. Um capítulo sobre os Estados Unidos é digno de atenção. Quanto ao abolicionismo acho uma decepção. Quem o ler, pensa que fez tudo: enquanto Patrocínio e Ruy e outros batiam-se, estava na Inglaterra. Bonito homem, ainda ficou mais apolíneo quando encanecceu conservando a tez de moço. Quando soube de sua

Jugurtha de Artiaga no seu livro "Figuras da I República", conta que se encontrava em casa do seu parente Pandiá Calógeras, quando a campainha deu sinal e isto fez com que fosse à porta para ver de quem se tratava, a pedido da esposa do grande mineiro, que se ocupava com os afazeres da cozinha. Jugurtha informa que ficou surpreso "ao encontrar um homem corpulento, rosto redondo, moreno, barba hirsuta e encaracolada tomando-lhe todo o maxilar inferior, bigodes e cabelos pretos com tonalidades brancas, um chapéu completamente desabado, sem fita que ajuda a compor suas linhas, mais parecendo uma combuca do que propriamente um chapéu. A camisa branca e desabotoada, colarinho aberto, sustentado por uma gravata caída para um dos lados, paletó escuro, calças da mesma cor, sem respectivos frisos e esgarçadas, cobrindo uns sapatos pretos e cambados, sem graxa e um tanto sujos". Jugurtha mal podia imaginar que este pobre homem, a quem teve ímpeto de dar uma esmola, fosse Capistrano de Abreu! e Gilberto Amado, no livro "Presença na Política", conta que na chácara de Pires Brandão, onde passava tempos, havia um poço de banho, onde a água descia numa quelha de pedras ou telhas embicadas e "se afrouxava toda, com prazer, na anchura daquele poço". Diz o escritor que nunca vira água mais limpa. E depois: "Uma presença egregia, outro amigo de Pires Brandão que em ocasiões anteriores passara tempos como eu na velha chácara, ali veio duas vezes tomar banho naquele poço de que gostava. Chamava-se Capistrano de Abreu. Eu já o havia encontrado uma vez, mas não lhe falara quase, nem ele me falou. Observara aquela figura torta, aquele olho de boi sonso pendido para o lado. As calças torcidas como que tiradas de um saco de roupa suja. Cometi nessa primeira vez que o vira, o erro de todo brasileiro daquele tempo: pensei, como toda gente, que Capistrano de Abreu não gostava de água, não tomava banho. E sempre um erro julgar. Capistrano não só se banhava, ali, naquele poço, como só faltava dormir dentro daquela água — tanto tempo que ficava dentro dela. Vinha para o banho de saboneteira na mão. Ensaboava-se, esfregava-se como para arrancar a pele; parecia querer desencardir-se. Não lograva, saía da água ainda mais "sujo". Confessou-me, numa das expansões que teve, que em casa tomava às vezes dois e três banhos por dia, e sempre com sabão".

nomeação para os Estados Unidos, disse um pernambucano como ele: é branco, é instruído, é bonito; é a pessoa mais própria para dar uma idéia falsa do Brasil; não podia ser melhor a nomeação."

Castro Rebelo em discurso publicado em 22 de outubro de 1953, diz que se a obra de Capistrano não foi maior "deve-se talvez a essa como que boemia do espírito, notada por todos os que o conhecemos de perto; a essa relativa indolência, para que muito devem ter concorrido uma viuvez prematura e uma dis-

ponibilidade funcional intempestiva, e de que a rede em que dormia ou se balouçava para ler era símbolo. Daí essa tal ou qual aversão a qualquer forma de disciplina mental e consequente antipatia votada às inteligências de feição prussiana. Mais de uma vez lhe ouvi esta expressão. Esse feitio pessoal seu seria bastante a explicar, porque nunca chegou a escrever essa historia do Brasil completa, integral, que todos queriam e com que ele proprio, uma vez chegou a sonhar."

E, entretanto, a impressão que tinham os que o viam, era bem outra. Simples impressão, porém.

Américo Facó o retrata neste soneto:

"Olhos semicerrados de quem poupa
a luz dos proprios olhos... Indolente!
Cabelos, barba de esfiapada estepa,
para trás, para os lados, para a frente..."

Uns ares filosóficos de gente
a quem a vida vai de vento em popa:
Liga mais ao passado que ao presente,
e liga à vida como liga à roupa.

Calçado sem tacão, chapéu sem aba,
pobre, com aparência de usurario,
e, ao mesmo tempo, de murubxaba:
Tal este é o Capistrano, o bem amaço,
velho erudito, vivo Dicionario
da Historia Patria... mal encadernado!"

Capistrano não tinha crença religiosa. Nilo Bruzzi em "O Cofre Partido", lembra que uma filha do historiador, Honorina de Abreu, muito religiosa, entrou para um convento, e que "à medida que Capistrano de Abreu ia ficando mais velho, a falta de crença religiosa aumentava e o oposto acontecia com Honorina de Abreu, que ficava mais crente em Deus à proporção que ia amadurecendo o espírito. Um dia foi ser monja de Carmelo e entrou no convento da rua Abilio." Honorina escreveu para Capistrano o seguinte soneto:

"Foste tu, caro pai, que do seio do eterno
me arrancaste e trouxeste a este mundo, a esta vida
Quando eu desabrochei, qual flor recém-nascida,
o sol que me aqueceu foi teu amor paterno.

Teu sangue é o meu sangue... Teu trabalho superno
ganhou-me o pão com que cresci e fui nutrida.
Ah! Quanto te custei! quanta dor! quanta lida!
Desde o calor do estio aos gelos deste inverno!

E agora dá-me a mão... É noite. Vem comigo!
Vem que eu te levarei a Jesus, teu Amigo,
que te espera saudoso... Oh! diz-me que sim!

Foste meu pai; e eu tua mãe screi agora;
dar-te-ei a eterna luz, de que me deste a aurora;
dar-te-ei, por esta vida, a vida que é sem fim!"

Em março de 1959, Honorina de Abreu faleceu, como diretora do mesmo convento da rua Abilio.

Eis aí, em rápidos traços, o retrato do ~~trabalho~~ e extraordinario Capistrano de Abreu.